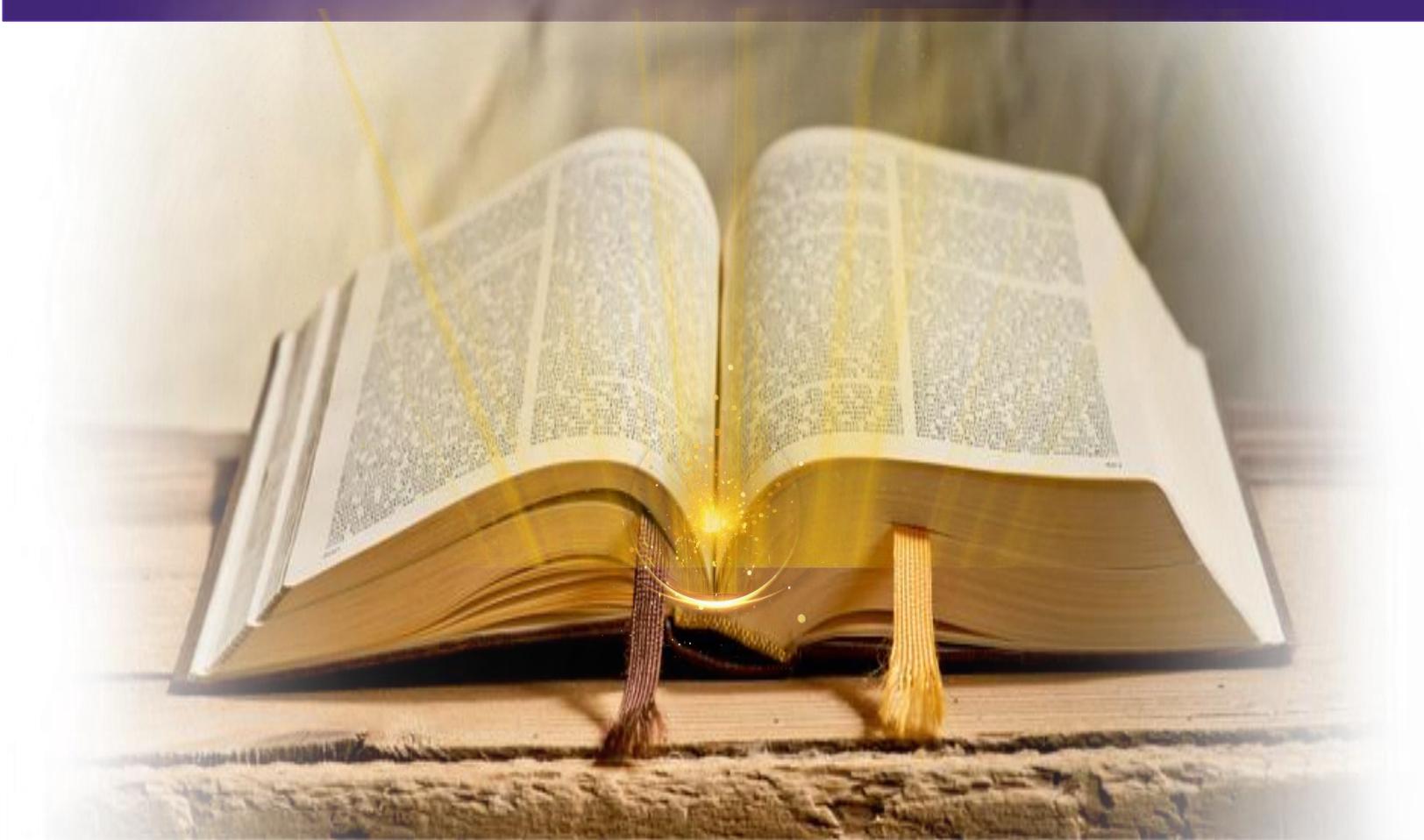


*"O nosso comportamento e todas as nossas ações devem
mostrar Jesus Cristo."*

(Maria Rivier)



Congregação

**MARIA
RIVIER**

Quem foi Maria Rivier?

Maria Rivier, Marinette para os seus familiares e amigos, nasceu a 19 de dezembro de 1768, em



Montpezat-sous-Bauzon, Ardeche, França. Por volta dos dezasseis meses, no fim de abril de 1770, Marinette sofreu uma queda e em consequência fraturou o quadril; desde então não se mantinha de pé, nem sequer com a ajuda de muletas. Ana Maria também sofria de

raquitismo: tinha o torso e a cabeça normalmente desenvolvidos, mas os braços e as pernas eram fracos e, na idade adulta, não terá mais de um metro e trinta e dois de altura.

A senhora Rivier, sua mãe, mulher de uma grande fé, recorreu à Virgem Maria. Todos os dias, levava a pequena para junto da imagem de Nossa Senhora da Piedade, na Capela dos Penitentes que fica próxima de sua casa. Durante aquelas visitas, explicava à menina quem era essa Mãe que tinha nos seus braços o seu Filho morto. O amor de Cristo e de sua Mãe, o desejo de fazer algo por eles, o horror aos pecados que são a causa de seus sofrimentos e, sobretudo, uma confiança absoluta em Maria, penetram pouco a pouco no generoso e terno coração da menina. Um dia ela declara sem rodeios à sua mãe: “A Senhora da capela me curará!”

Em casa, conta muitas histórias para as crianças da sua vizinhança, e sabe captar maravilhosamente a atenção de seu pequeno

auditório para mantê-lo tranquilo. Ensina-lhes também o catecismo e a rezar. Mais tarde dirá: “Também experimentava mais que nunca um vivo desejo de curar-me”.

Em 1774, o seu pai morre e o funeral tem lugar no dia 8 de setembro, festividade da Natividade da Mãe de Jesus. Nesse mesmo dia, Maria pede as muletas e, diante do espanto de todos, utilizando-as, consegue dar três voltas pela casa. No dia da sua festa, Nossa Senhora quis conceder-lhe um presente, permitindo que andasse com a ajuda das muletas. Mais do que nunca, ela cuida das outras crianças organizando pequenas procissões, em que todos rezavam o Rosário.

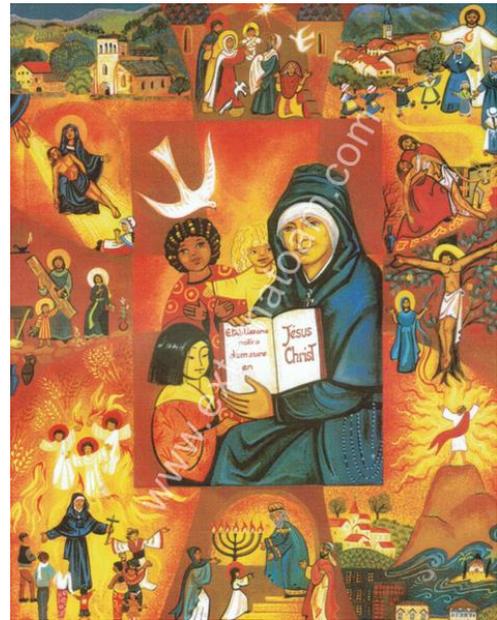
Em 31 de julho de 1777, Maria, que então está com nove anos, cai da escada e fratura um osso. Uma nova intervenção de Nossa Senhora fará com que ela ande, após este acidente.

A sua mãe ensina-a a ler e a escrever, depois enviou-a para aperfeiçoar os seus conhecimentos com as religiosas de Nossa Senhora, em Pradelles. Ao regressar, o seu zelo leva-a a realizar numerosas obras pastorais e caritativas: dá catequese, encaminha os jovens à Missa e ao confessionário, cuida dos enfermos e assiste aos moribundos. A sua vida interior alimenta-se da comunhão diária, a oração do Rosário e do Ofício da Imaculada Conceição. A sua influência é tão grande, que lhe pedem para fazer novenas com diferentes intenções.

Aos dezassete anos, Maria, querendo tornar-se religiosa, solicita o seu ingresso nas religiosas de Nossa Senhora, mas as irmãs recusaram a sua admissão por causa da sua saúde tão frágil.

Em 1786, após muita insistência sua, o pároco acaba cedendo e dá-lhe permissão para organizar uma escola numa casa pertencente às religiosas dominicanas. A escola encheu-se rapidamente de filhas de gente notável, mas sobretudo de meninas pobres, acolhidas gratuitamente. Ela consegue muitos êxitos com as suas alunas. Onde estava o seu segredo? Numa audácia, tenacidade, a que se juntavam uma alegria comunicativa e muita coragem.

Eis alguns conselhos que daria mais tarde às novas professoras: “Às vezes as meninas têm malícia suficiente para por à prova o caráter de uma recém-chegada, para verificar se ela é enérgica e vigilante, ou se poderão praticar alguma burla contra ela impunemente. Assim, aquelas pessoas que são cuidadoras de um curso devem mostrar um aspeto severo e sério que dá a entender que cumprirá seus deveres sem hesitação, e também um tom de bondade e de educação para conquistar as meninas. Velaí pela limpeza e a abundância dos alimentos, pois as jovens devem comer suficientemente. O sono e o exercício são necessários. Se têm frio, dê-lhes algo quente para beber. Se estão doentes, chamem o médico sem dar-lhes “remédios de velhas”. Não lhes imponham alimentos aos quais mostram uma irresistível repugnância...”



Em 1789, quando a Revolução Francesa desponta, qualquer ato religioso torna-se suspeito. Maria Rivier faz todo o possível para que os padres, perseguidos por sua fidelidade ao Papa, consigam exercer em segredo as suas funções. O seu zelo pela salvação das almas inspira-lhes grandes audácias: embora muito prudente, permanece uma apóstola com um coração de fogo!

Em Montpezat, a casa dominicana não foi vendida apesar de ter sido declarada bem nacional. Maria continua ali orientando a sua escola. Rapidamente consegue meia dezena de jovens com um ideal semelhante ao seu, pois o seu sonho era formar uma comunidade religiosa e fundar um convento.

A povoação de Thueyts chama-a. Ela parte como verdadeira missionária. Em breve, quatro jovens juntam-se a ela e deixam-se abrasar pelo fogo do Evangelho. Maria atribui a cada uma delas um povoado da região para ali ensinar o catecismo e dar apoio às jovens para permanecerem fiéis à Santa Igreja. Numa época em que todos os conventos se fechavam, Maria Rivier iria abrir o seu!

Em 1794, o governo revolucionário vende a casa das dominicanas de Montpezat. Maria Rivier e suas companheiras, que devem mudar-se, pedem a Maria um sinal de ânimo: a imagem de Nossa Senhora sorri. Reconfortadas por aquele milagre, instalam-se em Thueyts, noutra casa que também fora das dominicanas, fundando ali uma escola.

O bispo concede as primeiras autorizações e em 21 de novembro de 1796, festa da Apresentação de Maria no Templo, Maria Rivier e as suas quatro companheiras consagram-se a Deus e à juventude, sob o patrocínio de Nossa Senhora da Apresentação. Nasce assim a Congregação das Irmãs da Apresentação de Maria. Mais tarde diria a Fundadora: “Não éramos nada, não tínhamos nada, não podíamos fazer nada. Depois disso, por acaso duvidais que fosse Deus quem conduzia as coisas?”



Em 1801, o Arcebispo Mons. D’Aviau aprova as regras provisórias que a Madre Maria Rivier lhe havia apresentado. Ela é confirmada como superiora e doze religiosas são consagradas. Em 1815, a maior parte da comunidade se traslada de Thueyts para Bourg-Saint-Andéol, para o enorme convento das salesianas, adquirido com muitas dificuldades pela Fundadora. “Sempre procurei o dinheiro por meio da oração, e ele sempre chegou!” Confessará ela mais tarde, mostrando uma imagem da Mãe de Jesus.

A nova comunidade multiplicou-se rapidamente, apesar da sua pobreza. Para Maria Rivier e para as suas irmãs, a educação cristã da juventude era e permanecerá sempre uma prioridade. Contudo, a educação na fé estendeu-se também aos adultos. Os pobres são os seus privilegiados; o primeiro orfanato é aberto a 21 de novembro de 1814.

Nada detém o ardor apostólico de Maria Rivier. Os párocos pedem-lhe, por vezes, que exorte os seus paroquianos, que reúna as mulheres e as jovens. Maria fala com uma clareza, uma energia, uma unção, que tocam os corações. Animada por uma força interior, exclama: “Ou fazer conhecer Jesus Cristo ou morrer!”

No momento de abandonar esta terra para finalmente ver Jesus e Maria, a quem tanto amara neste mundo, a sua Congregação contava já com 300 religiosas, vivendo em 141 centros. Atualmente, estão presentes em vinte países dos quatro continentes.

No dia 3 de fevereiro de 1838, enquanto rezava a segunda parte da Ave-Maria: “... Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora de nossa morte”, a Madre Maria Rivier, com a idade de 69 anos, partiu para a “Casa do Pai”.

O Papa Pio IX chamou-a de “mulher-apóstolo”. Foi beatificada em Roma por São João Paulo II, a 23 de maio de 1982.